



# O VELHO PERNAMBUCANO.

NUMERO 1.

SEGUNDA FEIRA 22 DE JULHO DE 1833.

GATIS.

Este Periodico será distribuido gratis pelos assignantes do Diario de Pernambuco, e sahirá uma vez na semana.

Uma nuvem, que os ares escurece  
Sobre nossas cabeças aparece.

CAMÕES.

IMPRESSO EM PERNAMBUCO POR JOZE VICTORINO DE ABREU.

**T**U dormes Bruto, e Roma está em ferros? Assim poderíamos também dizer; Vós dormís ó Brasileiros, e o mais horrendo golpe se prepara á vossa Liberdade? Já o inimigo tem traçado o plano da guerra, armadas estão suas cidades, habeis espías demandão vossos campos, collocadas estão suas baterias, disposta sua artilharia. Um só grito de alárma falta, que fazendo-o assomar nos seus postos dê o signal do combate, onde terá de se disputar essa Liberdade, que alcançado haveis com o sacrificio do vosso proprio sangue. E Vós, incautos, e desapercibidos, como que indifferentes vos conservais? Nem vos abalão os estrondos dos bellicos preparativos de vossos inimigos, nem o som das martelladas, que torção de ante mão as pezadas cadêas, com que vos manietar pretendem? Aplicai vossa attenção; troar ouvireis o grito da Restauração, e nada vos moverá? Nada sentireis áo ecco da escravidão, que já retumba nas paredes de nossas proprias casas? Prouvera a Deos, que uma multidão de factos se não reunissem para comprovar a existencia do perigo, que nos aguarda, e que o terrivel testemunho dos successos de cada dia não nos viessem convencer, de que a volta do Duque de Bragança é objecto dos votos de alguns Brasileiros degenerados, á quem nada importão os interesses do Paiz, que os vio nascer.

Já não é materia de duvida, que as claras se tenta a Restauração de D. Pedro ao Trono do Brazil; que um partido existe, que se tendo feito numerozo á expensas de nossos desvarios, ousado o collo ergue para proclama-la, e que apenas certos motivos retardão ainda o signal do combate. Todo o mundo o sabe já, que esse Principe ingrato, nutrindo ainda esperanças de occupar um Solio, á que todo direito tem perdido, e do qual indigno se tem tornado, cheio de vislumbres, que lhe gerão os lisonjeiros, que o ladêão, renovar pretende

as scenas de horror, que o tempo não pôde fazer olvidar. Tudo no-lo confirma: e como não acreditar? As sedições rebentão á cada canto, assim por modo de um plano concertado, que com o intuito de nos enfraquecerem alhanem o caminho, por onde de operar-se tem a revolta geral. Ainda bem o desgraçado Ceará não tinha superado os impenhos do seu fasciora, já o nosso maldadado Pernambuco lutava com os restauradores do Centro, e Minas, que até então gozava do remanso da paz, vio de repente surgir em seu seio a peste da sedição. A Corte, onde suas armas tem tido um rezultado menos favoravel, não tem sido menos izenta de seus assomos: ali a audacia desta facção liberticida sobe no pinno; seus jornaes a cada momento insuflão o fogo da discordia, prodigalisão mil louvores aos sediciozos, enveoção todas as coizas, inventão quanto podem para desanimar a pacifica população; umas vezes assegurando o triumpho de Pinto Madeira contra nossas tropas, outras figurando invencivel o partido dos Cabanos, e finalmente afirmando desbaratadas as Forças da legalidade, que tinhão em assedio o Ouro Preto. Desta sorte não perdem vaza de tudo confundirem para tirarem partid, que favoravel lhes seja a cauza da Restauração, que advogão.

O que é mais espantozo ainda, esse partido está escorado em pessoas de alta Representação, e no Senado se poderá tal vez sem temor de erro afirmar, que tem elle o apoio mais formidavel. Esse Corpo destinado pela sua condição politica a curar os males do Estado, parece ufanar-se de cavar o abismo, em que teremos de cair, com rarissimas excepções daquelles, que tanto mais pinhorado tem a consideração de seus Representados, quanto maior o impenho, com que cumprem a regra de sua missão, a maior parte é bem notavel, pelo grande numero, que em sí conta de inimigos da Revolução de Abril, ou por amigos

de Bragança. Ainda nossos va-  
compatriotas no campo arrostrão as  
restauradores, ainda as lagrimas  
pela perda dos nossos bravos defen-  
da legalidade, que denodados troca-  
as vidas pela estabilidade do Trono  
Constitucional do Sr. D. Pedro 2. já o Se-  
nado propõe amnistia para os revoltosos,  
para estes monstros, que á porfia nos que-  
rem devorar. Verdade dura de se crer. E  
que tanta será a clemencia do Senado para  
com os perturbadores da ordem? que tanta  
será, se não desejos de reforçar o partido  
retrogrado, se não desejos de reduzir o po-  
vo a desesperação, para no conflito das des-  
ordens receber, como um anjo de paz, o  
Principe, que já nem um direito tem ao  
Brazil?

Para occultarem seus infernaes desenhos  
os nossos inimigos o pretexto buscão de que  
mudar se quer a forma Monarchica-Cons-  
titucional do Imperio, e sob a capa de con-  
servadores do Trono as armas manejão.  
Porém é este um meio sedição, que já não  
tem voga. Todo o mundo descobre, que  
os Brasileiros, ainda que por instincto a-  
mericano anhelem as formulas Republica-  
nas, assaz conhecem, que semelhantes ins-  
tituições medrar não podem, se lhes falta  
por baze um requinte de civilisação, e cos-  
tumes, que o Brazil não terá tão presto, e  
que sobre-maneira prudentes prezão seus  
interesses, para se aventurarem a uma Re-  
publica, sem que os detenha o temor da a-  
narchia. E se quando scelamos o acto de  
nossa Regeneração Politica o não fizerão,  
se na opressão do Governo de D. Pedro  
não o quizerão, se na efervescencia dos a-  
nimos em sua abdicção de nada se lem-  
brarão, apenas contentando-se com sua re-  
tirada; como o farão agora, que nada des-  
confião, e que veem na assomada do Tro-  
no o nosso Jovem Monarcha Brasileiro o  
Sr. D. Pedro 2., que educado entre nós,  
e segundo os principios livres, que adop-  
tamos, terá um dia de, reinando no cora-  
ção, e amor de seus subditos, firmar a glo-  
ria, e a tranquillidade do Brazil, de sua  
mesma Patria? Preciso é confessar, que  
já nos não embriem de suas mentiras, e  
que quanto mais arteiros illudir nos bus-  
cão nossos inimigos, mais claro penetrar  
nos deixão o amago de suas maldades.

Brasileiros! releva occupar-vos do futu-  
ro, que nos aguarda. Um momento de in-  
diferença é um passo de avanso para o pre-

cipicio, a cuja borda nos axamos. A nos-  
sa Liberdade é o menos de que despojar  
nos querem: e será ella tão pouco digna  
dos cultos de uma Nação, que de livre se  
jacta, que de sua perda se trate, sem que  
um justo, e sacro entusiasmo gere nos co-  
rações Brasileiros um nobre desejo de puni-  
la? Tanto não nos cabe. Brasileiros!  
amados Concidadãos! despertai, e desper-  
tai para evitar o monstro da Restauração,  
que já de longe as prezas move con-que  
nos engulir pretende: já não é um fantas-  
ma, é uma realidade, que concebem aquei-  
les mesmos, que mais parecião duvidar. A  
Restauração vos acena: attendei o fio de  
nossos acontecimentos; pezaí a ouzadia,  
com que as inimigõs da Revolução de A-  
bril assoallhão suas diabolicas doutrinas, e  
pregão a volta do Duque de Bragança:  
o tom de ameaça, com que já fallão; com-  
binai tudo com as denuncias dadas pelos  
nossos Diplomatas, e vereis de que fracas  
amarras pendem os destinos de nossa Pa-  
tria.

D. Pedro engaja suas tropas por 3 an-  
nos com a condição de emprega-las fora  
de Portugal, se antes deste tempo findar  
a luta com o Irmão. Este engajamento  
tem sido feito em nome de uma sociedade,  
que se diz *Colonial, e Commerciantes*, a  
qual pretendia receber homens activos, e  
intelligentes como Colonos para o Brazil,  
ou qual quer outra parte; preferindo-se á  
Officias desempregados no exercito, Briga-  
da da Mariaha, e Milicias, exigindo-se,  
que sejam empregados onde as circumstan-  
cias tornarem necessarios os seus servi-  
ços, com prazo de engajamento de 12, 18,  
e 24 mezes. E o q' quererão dizer estas coi-  
zas? Pois finda a guerra de Portugal ain-  
da D. Pedro tem fora d'elle em que empre-  
gar estas tropas? Aonde as empregará?  
Aonde mais, tomado Portugal, se torna-  
rão necessarios o emprego, e serviços des-  
tas tropas? Para que effeito esses homens  
activos, e intelligentes, como Colonos para  
o Brazil? Que terrenos, que possessões in-  
habitadas tem elle para colonizar? Tudo  
se manifesta, tudo se faz patente. São a-  
inda desejos de voltar ao Paiz, que aban-  
donou, que até mesmo no ardor da luta,  
em que se axa empenhado, formão o alvo,  
á que se atirão todos seus cuidados.

Já o anno passado se annunciarão os pla-  
nos, que hoje vemos quase de todo man-  
ifestos: mas então, ou pelas pessoas que se

dizão, coniventes, ou pela temeridade da empreza, ou por que a divizão dos partidos tolhia, que atenção se desse aos males, que nos ameaçavão, tudo se remeteo ao desprezo; mas hoje, que as provas se confundem, duvidar mais não convem de boa fé, de que se prepara a Restauração. Só o Senado, teimozo em proseguir em sua tortuosa marcha, ainda ousa duvidar, sendo desprezadas pela Commissão as denuncias dadas pelo Poder Executivo, como inconcludentes: é-lhe tal vez facil conceber, que as tropas engajadas de similhante forma pelo Duque de Bragança não se destinão ao Brazil. E quem sabe se á seu turno não quercrá negar ao Governo o apoio, q' em similhante cazo deve dar á fim de que este cumprindo a alta missão, de que está encarregado, salve a não do Estado do perigo da Restauração? Será a ultima prova do Senado: será a prova mais peremptoria, de que elle deseja ver aniquilado o Trono Constitucional do Snr. D. Pedro 2. Brasileiros, são estes os males, que já perto de nós roncão.

Por outro lado aquelles, que a Revolução de Abril apeou dos altos empregos, á que os tinham elevado os serviços prestados contra o Brazil, e cuja presença se tornou incompativel com a nova ordem de coizas, não cessão de manifestar desejos de vinganças. Lá da Europa, onde buscarão fugir o justo resentimento de um povo, que oprimirão, ufanos se alardeão da victoria, e valendo-se da preponderancia, com que já outr'ora precipitarão o Monarcha, que servião, não perdem azos de o fazerem crer, que nós os Brasileiros estamos fracós, que grande parte o deseja, que grande partido elle tem, e que requerimentos existem xeios de muitas assignaturas, pedindo a sua volta. E a vista de tudo isto não nos devemos persuadir, de que se prepara a Restauração?

Brazileiros! tanto mais importante é o objecto de nossos temores, quanto maior a razão de julgarmos, que é elle verdadeiro: este objecto é a volta de D. Pedro, a razão de cre-la a salvação de nossa Liberdade. Segura-la, ou perde-la, e perde-la para sempre são os dous termos, que temos de seguir. O primeiro firmará nossa felicidade, e terminará nossa gloria. Do segundo com o aniquilamento de tudo quanto nos é caro, perderemos um nome, que já brilha na pauta dos povos livres, e uma

indestructivel vergonha será o legado deixaremos aos nossos vindouros. **MATIS.** versos fados tem querido, que aquelles, q' outr'ora seguirão uma sò bandeira, devidos se tenham em scismas politicos. O fanatismo dos partidos com a intolerancia conduzio-nos á criminozos excessos, e a maldade de nossos inimigos operou o resto. Não convem saber hoje quem teve razão: bastante é confessar, que todos erramos. Mas o momento xega, em que o erro deve ser reparado. Calar antigas desavensas, esquecer odios mal fundados, dar azos ao patriotismo é o dever de quantos ainda merecem o nome gloriozo de Brasileiro, e que o espirito das facções não tem ainda aviltado, e corrompido. E quando, o que sempre é difficilimo, não estejam em perfeita harmonia os interesses de todos, nem na mesma quadra as opiniões dos partidos, é o perigo commum quem em nome do Brazil reclama este gloriozo sacrificio da união.

Brazileiros! D. Pedro quer ainda impor-nos ferros: em nossa união está a unica taboa de nossa salvação. Se de nossa divizão tirão nossos inimigos esperanças de escravizar-nos, della façamos nós um baluarte invencivel para sustentarmos nossa Liberdade.

Brazileiros o momento se aproxima, em que desenrolar-se vae a Bandeira, debaixo da qual unidos scelamos com o nosso sangue a Liberdade de nosso Paiz. Evitemos a vergonha, de que nos ella colha ainda desunidos. Avansemos para o altar da Patria: sacrificuemos perante elle todos os caprixos, todas as dissenções. Expurgados de nossos erros, de nossos desvarios sem peijo appareceremos debaixo do Estandarte da Nacionalidade, e sob elle, sempre Irmãos, e sempre Brasileiros, como outr'ora firmamos a nossa Liberdade, sustentemos a glorioza Revolução de 7 de Abril, e seguremos o Trono Constitucional do Jovem Monarcha Brasileiro. Unamos-nos: façamos de nossos corpos um antemural de nossos inauferveis direitos. Mostremos ao mundo, que não seremos mais escravos. Preparemos-nos para um exemplo terrivel aos inimigos da Liberdade de nossa Patria, se surgir ousar o Monstro da Restauração: façamos guerra de morte aos restauradores: o triunfo será nosso, por que é livre o paiz, que o quer ser. Mas se a sorte das armas ainda mais adversa, que a da Polonia fa-

de a 3  
 com el for a cauza dos nossos inimigos (o  
 de Deos não lia de permitir) morramos  
 dos cumprindo nossos deveres, que a nos-  
 a Liberdade se sepulte nas cinzas de nos-  
 sos cadaveres, que antes se diga = Aqui ex-  
 istio o Brazil: do que servirmos de objecto  
 á maldade, e vingança de nossos inimigos,  
 do que passarmos debaixo do Carro de nos-  
 sos vencedores, do que tornarmos á esca-  
 vidão. Nada será mais glorioso.

**N**O Rio de Janeiro pelo órgão da im-  
 prensa um furiozo partidista de D. Pedro,  
 debaixo do nome de *Jurista*, tratando-  
 nos de escravos, pretendeo mostrar, que o  
 Duque de Bragança pela nossa legislação  
 patria pode revogar a alforria, que de  
 nós fez, uma vez, que com injuria, e in-  
 gratidão pagamos o beneficio, que nos tem  
 feito. „ Se alguém forrar seu escravo, li-  
 vrando-o de toda a servidão, e depois q' for  
 forro cometer contra quem o forrou al-  
 guma ingratidão pessoal, ou em sua pre-  
 zença, ou ausencia, quer seja verbal, quer  
 seja de feito, e real poderá este patrono re-  
 vogar a liberdade, que deo á esse liberto, e  
 reduzir a escravidão, em que antes estava.,  
 Ord. L. 4. Tit. 63 § 7. E' esta mesma a  
 Ordenação, que o *Jurista* defendendo a  
 cauza do seu cliente procurou para susten-  
 tar os direitos de D. Pedro contra nós, que,  
 segundo elle somos escravos manumittidos,  
 e que por ingratos devemos reverter para a  
 servidão do Senhor, e Patrono ofendido.  
 Que desaforo! Nós escravos! Nós manu-  
 mittidos por D. Pedro! e devendo ainda  
 pôr direito voltar ao senhorio do Duque de  
 Bragança! Brasileiros é desta sorte, que  
 se insulta uma Nação briosa? E como não  
 tem ainda acordado o nosso Nacionalismo  
 para vingiar similhante injuria? Ainda so-  
 mos homens, e assim sofremos, que se ata-  
 que a Dignidade Nacional, que aviltar-se  
 queira a Consideração, que como Povos  
 Livres adquirido temos por tantos titulos a  
 face do Mundo Politico? Que outra Na-  
 ção toleraria similhante ultrage?

Os malvados não dormem em nosso mal:  
 persuadir a gente incauta buscão, que o  
 Duque de Bragança ainda tem direito ao  
 Trono do Brazil, e como o nosso Direito  
 Politico Constitucional não lhes dá lugar a  
 chicana, recorrem a legislação Civil. Mas  
 illudem-se. O povo mui bem conhece, que  
 a fonte a que elles recorrerão é impropria

para a materia em questão. A Legislação da Pa-  
 tria tem por objecto somente marcar as relações de  
 individuo a individuo, de cidadão a cidadão: ella  
 é por assim dizer a mobilia de uma casa, que sendo  
 de necessidade absoluta indispensavel ao serviço, e  
 uzo dos habitantes nada influe directamente sobre a  
 forma da mesma casa, o que pertence a uma arte,  
 que para isto dá regras, a architectura. Donde se vê,  
 que tudo quanto diz respeito a nossa maneira politi-  
 ca de existir, nada tem com aquella Legislação, a'  
 que comparamos a mobilia da casa, mas com aquel-  
 la, que for a nossa architectura Politica: que é a nos-  
 sa Carta Constitucional. Resta saber, a questão de  
 D. Pedro em qual dos dous cazos esta' comprehendida?  
 A questão de D. Pedro não é de direito civil:  
 não é como cidadão, que elle aparece no tribunal,  
 reclamando direitos, e como Príncipe, que com as  
 armas procura empesar-se do Trono, que por con-  
 venção nossa occupou, e do qual por um novo ajus-  
 te sahio. Não é por tanto pela Legislação civil, que  
 o Jurista deve sustentar a cauza do seu cliente: mas  
 é pelo nosso Direito Politico Constitucional, que nós  
 sustentemos, que elle ja' nem um direito tem ao Tro-  
 no do Brazil, o qual por direito, e por vontade nossa  
 so' pertence ao nosso Jovem Monarcha o Snr. D. Pe-  
 dro 2.

E quanto mais applicados não serão em vez da ci-  
 tada Ordenação, ao *Jurista*, e seus compareces os  
 seguintes artigos do nosso Codice Criminal?

Art. 35. Tentar directamente, e por factos des-  
 truir a Constituição Politica do Imperio, ou forma  
 do Governo estabelecida — Penas de prisão com tra-  
 balho por cinco a quinze annos.

Art. 63. Tentar directamente, e por factos des-  
 truir a Independencia, ou Integridade do Imperio —  
 Penas de prisão com trabalho por cinco a quinze an-  
 nos.

Art. 87. Tentar directamente, e por factos des-  
 tronizar o Imperador, priva-lo em todo, ou em par-  
 te de sua Autoridade Constitucional, ou alterar a  
 ordem legitima da successão — Penas de prisão com  
 trabalho por cinco a quinze annos.

Como não serão bem applicados estes artigos ao  
*Jurista*, e seus compareces, que procurão ao mesmo  
 momento destronizar o nosso Jovem Imperador, des-  
 truir a nossa Constituição, e unir-nos a Portugal?

Como quer que seja porem o nosso *Jurista* nos dá  
 boa idea do Governo de D. Pedro comparando-o a  
 escravidão. E' assim que no calor dos argumentos  
 muitas vezes se conhecem as intenções dos malvados.  
 Brasileiros o Governo de D. Pedro é escravidão, e  
 deveremos a elle nos sujeitar?

**A** Necessidade de um periodico, que mostrasse  
 os inconvenientes da restauração aparece a primei-  
 ra vista: é em consequencia d'ella que alguns Per-  
 nambucanos se encarregarão de fazer auarecer n'este  
 sentido uma folha semanal, que fosse distribuida  
 gratuitamente. Incumbidos d'esta honrosa tarefa  
 exforçar-nos-hemos por corresponder a' tão digna  
 escolha, promettendo de religiozamente seguirmos  
 como inalteravel maxima — não involvermo-nos em  
 nojosas polemicas.